

## NOTA DE LIVRO

SOARES, Maria Nazaré Lins — *Vocabulário das Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Tese de Doutorado em Letras. Rio de Janeiro, UFRJ, 1980. 1 vol. "Introdução" + 4 vols. de "Índices".

A Autora, que há algum tempo nos havia dado um interessante ensaio sobre Machado de Assis (*Machado de Assis e a Análise da Expressão*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1968) — dissertação de mestrado em que procura evidenciar uma consciência metalingüística no maior escritor brasileiro — volta agora ao autor de sua preferência com uma tese de doutoramento.

Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve como orientador acadêmico, na seção de Língua Portuguesa, o Professor Celso Cunha e mereceu da Comissão Julgadora, de que fizeram parte, além do citado Diretor de Tese, os professores Antônio Houaiss, Mário Camarinha da Silva, Nelson Rossi e o autor da presente nota, o grau de excelência.

Trata-se de trabalho constituído de cinco grossos volumes em que, ao lado de uma "Introdução, onde se fundamenta cientificamente e na qual se descreve o método da pes-

quisa empreendida, a Autora procura examinar a norma lingüística e busca indexar as unidades léxico-textuais e os lexemas da obra estudada, culminando por nos apresentar um delineamento do perfil numérico do seu vocabulário.

A natureza da pesquisa, amparada num método de que uns dizem todo o bem e que outros olham com indistarcável cepticismo, vem sendo usada nas dissertações universitárias com singular freqüência e corresponde inegavelmente às preferências do atual momento tecnológico. Tem a seu favor a adesão de alguns espíritos superiores, como os de Pierre Guiraud, Jean Roche, Bernard Quemada e Charles Muller, e constitui a ocupação de institutos e centros de estudos especializados, como os de Toulouse, Besançon e Paris. Tanto basta para que o olhemos com o devido respeito, mesmo os que por formação ou tendência natural do espírito não nos inscrevemos em igual linha de trabalho.

Vou, pois, diretamente à tese e parto de uma confissão da Autora ("Introdução", p. 8), segundo a qual "o projeto inicial era levantar os vocabulários de *Ressurreição* e das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o que permitiria, entre outras coisas, formular uma hipótese sobre o crescimento do léxico do autor de um romance a outro". A premência do tempo, "a que fica sujeito todo o trabalho para obtenção de grau acadêmico", obrigou-a a abdicar do primitivo projeto, cingindo-se sua investigação a respeito do léxico machadiano às *Memórias Póstumas* por uma razão óbvia, claramente expressa na página seguinte — "sabe-se mais sobre o seu vocabulário, conhecendo o deste romance do que o de *Ressurreição*".

Receio que a opção não tenha sido feliz. E explico-me. Ao decidir pelo estudo do léxico de um só dos romances de Machado de Assis, mesmo levando em conta a importância desse romance na obra do escritor, é fora de dúvida que a Autora sacrificou a sua pesquisa no sentido da extensão. Sua viagem pelo vocabulário do *Brás Cubas* é um mergulho vertical, com a perspectiva de surpreender mistérios ocultos, mas perde a visão horizontal de todo um campo adjacente, que de certo lhe havia de permitir respirar mais fundo. Tragada pelo *mare magnum* de cinco grossos volumes, deixou-se de tal modo embulhar nas vagas de papel que logo perdeu os movimentos e, limitada a um círculo por demais estreito, não conseguiu compor uma perspectiva de mais largas conclusões, como a seu tempo se verá.

Ora, tenho a impressão de que tal inconveniente teria sido afastado ou pelo menos atenuado se a Autora, em lugar de preferir indexar todo o vocabulário de uma só obra de Machado de Assis, tivesse optado por um procedimento que o próprio método de investigação de que se socorreu recomenda para os casos em que a pesquisa se tenha de exercer sobre um universo de dados que constitui alta densidade de população. Refiro-me — já se vê — ao recurso da amostragem, que poderia enriquecer o *corpus* não só com amostras de *Ressurreição* e do *Memorial de Aires*, como chega a desejar a Autora, mas até com elementos de outras obras do escritor, e permitir, mesmo com apelo a termos de probabilidade, uma maior aproximação do fim proposto — formular uma hipótese sobre o crescimento do léxico do romancista.

Uma premissa que se pode levantar em face de trabalhos como o de que me ocupo é que nenhuma pesquisa que tenha por *corpus* uma obra de determinado autor se explica ou sustenta quando não envolve a obra ou atinge o autor tomados como objeto de estudo. Se assim não fosse, evidentemente não se justificaria a reincidência de Pierre Guiraud em investigar, com método e propósitos idênticos aos da Autora, tantos autores e obras do Simbolismo francês. Se a questão fosse apenas a língua, a matéria esgotar-se-ia na primeira incursão.

Creio que isso mesmo sentiu a Autora da tese aqui considerada, tanto que, em mais de um lugar do trabalho, deixou claro o escopo a que visava: é Machado de Assis, co-

mo autor, "o maior ficcionista da literatura brasileira" (p. 8) e é *Brás Cubas*, como romance, "um romance fundamental, não só no âmbito da obra machadiana mas da literatura brasileira" (p. 9).

Já aqui faço uma observação sobre a total ausência da bibliografia machadiana no trabalho da Autora — não só da bibliografia sobre Machado de Assis em geral, como em particular da bibliografia sobre as *Memórias Póstumas*. Digo ausência total, porque, tratando-se do autor mais estudado das letras brasileiras, certamente não invalidam a afirmação os dois únicos títulos que aparecem no elenco bibliográfico, aliás, sem deixar maior sulco em toda a condução do trabalho: o *Plano do Dicionário das Obras de Machado de Assis*, de Antônio Houaiss, só invocado na página de "Apresentação" com o fim de esclarecer que a norma lexicológica adotada na elaboração dos índices é diversa da estabelecida por aquele autor, e os *Ensaio Machadianos*, de J. Matoso Câmara Jr., cuja presença é tão discreta na tese que na verdade me passou despercebida.

É possível que nem toda a bibliografia sobre Machado de Assis seja pertinente a um trabalho que tem propósito definido e tema específico. Mas a concessão aqui implícita não deve chegar ao ponto de supor entre nós tão pobres os estudos machadianos que ainda não tivessem trazido uma ou outra contribuição interessante a respeito da linguagem de suas obras.

Na proposição de sua tese — período inicial da «Apresentação» —, a Autora manifesta com clareza os

objetivos de seu trabalho: primeiro — "contribuir para maior conhecimento do léxico da língua portuguesa"; segundo — contribuir para o conhecimento "da configuração lingüística da obra literária machadiana" (p. 6). E, pois que toda a pesquisa se desenvolve no sentido do levantamento do vocabulário das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é da configuração lingüística desse romance que se trata.

Há aqui uma ampliação de propósitos que, não sendo simples ampliação retórica, uma crítica científica não pode deixar de ressaltar. Procede a Autora, segundo suas próprias palavras, "ao levantamento do vocabulário das *Memórias Póstumas*", fazendo-o acompanhar de "alguns quadros de distribuição de frequências", para afinal se restringir ao que chama um "primeiro esboço do perfil numérico do vocabulário". A minha dúvida é se com isso teria conseguido fixar ou sequer atingir a configuração lingüística de uma obra tão complexa como as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

É nesse ponto que o trabalho da Autora começa a ressentir-se da falta de uma premonição bibliográfica adequada. Sim, porque há uma configuração lingüística nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* já assinalada pela crítica machadiana. Só que essa configuração não é lexical, nem predominantemente lexical, é antes sintática, como passo a expor.

Quando da publicação do *Dom Casmurro*, José Veríssimo lhe chamou um irmão do *Brás Cubas*, ou melhor — um irmão gêmeo do *Brás Cubas*. Certamente não quis o crítico, que foi quem primeiro reconhe-

ceu a extraordinária importância da obra de Machado de Assis, afirmar que o romancista se repetia, mas simplesmente aludir a pontos comuns de uma e outra obra, os quais objetivamente esclareceu.

Dentre os aspectos simétricos, mas no caso discordantes, especificou a questão da língua, que assim se caracterizava: antiquada, de construção intencionalmente invertida, com torneios clássicos e algumas expressões arcaicas, no *Brás Cubas*; moderna, naturalmente fluente e quase chã, na *Dom Casmurro*. A razão era clara — Brás Cubas, homem do Primeiro Reinado e da Regência, estudara em Coimbra; Bento Santiago, homem do Segundo Reinado, formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, de onde saiu — acrescentamos nós — quando a atmosfera do liberalismo romântico já explodia no problema da autonomia lingüística nacional. (Cf., a respeito, José Veríssimo, *Estudos de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro-Paris, 1903, 3ª série, pp. 33-35; José Aderaldo Castello, *Textos que interessam à História do Romantismo*, São Paulo, 1960, tomo I, pp. 17 e sgs. e *passim*.)

A última afirmação é minha e devo, por isso, justificá-la.

O romance não é claramente explícito acerca dos anos de estudo que Bentinho gastou em São Paulo. Se bem não seja impossível calcular a época, a partir daquele 1857 da denúncia de José Dias, considerado remoto pelo que toca à redação das memórias do solitário de Engenho Novo, não me sinto motivado a contar o tempo das evasivas do adolescente, da sua entrada para o seminário, do abandono da carreira ecle-

siástica e posterior permanência como acadêmico na cidade paulista para aventar uma data plausível. O livro tem a esse respeito uma indicação preciosa. Bentinho casou-se com Capitu, logo depois de formado, e a data do casamento lá figura com os quatro algarismos — 1865. Ora, 1865 é o ano da publicação de *Iracema*, que desencadeou a polêmica Alencar-Pinheiro Chagas e deu origem à luta pela emancipação lingüística dos escritores brasileiros, levada avante pelo romancista cearense.

Isso posto, cresce-me a dúvida sobre se essa configuração lingüística das *Memórias Póstumas*, uma das mais significativas experiências machadianas em matéria de língua, a ponto de o autor nela reincidir ao compor textos ficticiamente atribuídos a um cultor dos clássicos, como era o Conselheiro Aires, se deixa apanhar pela simples elaboração de um perfil numérico do vocabulário da obra. E isso sem falar na singularidade do *defunto autor*, que liga o romance ao gênero dos *diálogos dos mortos*, o qual, em linha genética, se prende aos diálogos socráticos, à sátira menipéia, à literatura carnavalesca, ao romance carnaval ou ao romance polifônico, que não é apenas uma invenção de Dostolevski, mas simultaneamente de Machado de Assis, e que, segundo Mikhail Bakhtine, propõe uma série de problemas lingüísticos, como o discurso dialógico, a paródia ou a ironia, caracterizados por uma relativização do signo e por uma verdadeira revolução nos hábitos da língua como sistema.

Vamos, porém, à conclusão da tese. Antes de manifestar a minha discordância, que é mais fruto do

cepticismo com que olho os processos mecanicistas de trabalho intelectual do que uma convicção decorrente de imperfeições ou falhas na realização da tarefa proposta, quero pôr bem clara a minha admiração pelo espírito da Autora, evidenciado no comportamento rigorosamente científico que soube guardar no correr de sua investigação. A esse respeito, posso dizer que mais uma vez nos encontramos em total consonância de espírito, pois, embora amparada em frios testemunhos eletrônicos, preferiu quase sempre apresentar os resultados sob a forma de sugestões ou hipóteses e não de conclusões inapeláveis. Basta dizer que o clássico capítulo "Conclusões" dos trabalhos do gênero aqui se chama "Conclusões e Perspectivas". Por outro lado, é preciso ler o volume de *Introdução*, que à primeira vista parece um relatório puramente descritivo de programação de computador, em correlação com as notas bibliográficas a que faz remissão no final da obra, para que se tenha idéia do aparato doutrinário de que se armou para a pesquisa empreendida.

A conclusão, que é uma e singular em mais de um sentido, parece-me que vai espantar os machadianos deste país: o vocabulário das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um vocabulário rico (P. 93).

Para tanto afirmar, bastou à Autora registrar a extensão do texto ( $N$ ), relacionar os seus números com os valores relativos à extensão do vocabulário ( $V$ ) e ao contingente de frequência ( $V_1$ ) e confrontar ou medir os resultados assim obtidos com uma tabela previamente preparada por Pierre Guiraud, segundo a

qual é rico o vocabulário que corresponde a um  $N$  igual a 100000 e que apresenta um  $V_1$  igual ou superior ao que corresponde a um  $V$  igual a 7500.

Ora, as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* confirmam tudo isso, logo... Logo, convém duvidar e discutir.

Em primeiro lugar, que importância terá a configuração linguística de uma obra e conseqüentemente para sua valorização literária saber se o autor nela movimenta um contingente vocabular rico ou pobre? Ainda bem que a Autora é a primeira a admitir a ineficácia da proposição, pois, citando Charles Muller, acaba por reconhecer que "a riqueza do vocabulário de um texto será sempre relativa ao vocabulário de outro" (P. 95). Com esse pensamento, vale-se do trabalho de Jacques Emorine, sobre o vocabulário do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, para, depois de assinalar diferenças intrínsecas do caráter das duas obras, reafirmar, desta vez peremptória: "A maior riqueza do vocabulário de uma obra relativamente a outra não é de si mesma uma indicação de maior valor literário" (Id.). Estamos de acordo, mas é força reconhecer que uma verdade absoluta foi aqui transformada em conceito relativo. Em nenhuma hipótese, a riqueza quantitativa do vocabulário é índice de valor literário. Ainda não havíamos atingido a era computacional, e já os críticos calculavam que Racine não ia, em seus escritos, a muito mais de quatrocentos vocábulos, o que não impede que sua língua seja um instrumento dúctil, extremamente preciso, feito antes de uma sábia

aliança de palavras e do emprego de metáforas, inversões e elipses — recursos de estilo, em suma — do que da pura e derramada fluxão vocabular.

Em segundo lugar — e para fim destas observações —, uma palavra a respeito da tabela de Pierre Guiraud, antes referida. Também a este ponto não faltou a sagacidade da Autora com suas restrições. Amparando-se ainda uma vez a Charles Muller, para quem a extensão do texto não corresponde à extensão do vocabulário, registra a sua opinião a respeito dos índices numéricos propostos pelo autor de *Les Caractères Statistiques du Vocabulaire*, os quais “só valem para um certo tipo de língua literária”. E acrescenta: “Não ficando claro do texto de Muller, nem dos trabalhos de Guiraud de que tenho conhecimento, a que tipo de língua literária essas médias se applicariam melhor, as especulações acima acerca do vocabulário da obra considerada de Machado de Assis ficam à espera de confirmação por outros meios.” (P. 94).

A mim me parece, no entanto, que os tipos de língua literária a que se refere Charles Muller têm de ser buscados no caráter nacional ou de certos estilos de época que a língua reflete. A tabela de Guiraud é calcada em obras de língua francesa, que o autor tem estudado, onde predomina um estilo sóbrio, medido e comedido, admirável pela precisão de brevidade e economia. Não pode ser tomada como parâmetro de escritores portugueses e brasileiros, de natural palavrosos, logorréicos e verbipotentes, sob pena de os desfigurarmos, como aconteceu a Machado de Assis, justamente o prosador brasileiro que, pelo amor ao equilíbrio e à justa medida, é o mais evidente e preciso de quantos já escreveram em língua portuguesa.

A verdade final, como toda verdade, acaba por ser simples. Machado é um gênio. E, a não ser a lâmpada de Aladim (mas isso é uma história das *Mil e Uma Noites*), ainda não se inventou nenhum mecanismo que fosse capaz de conter um gênio. Como na história famosa, ele sempre escapa pelo bico...

Wilton Cardoso

1.